

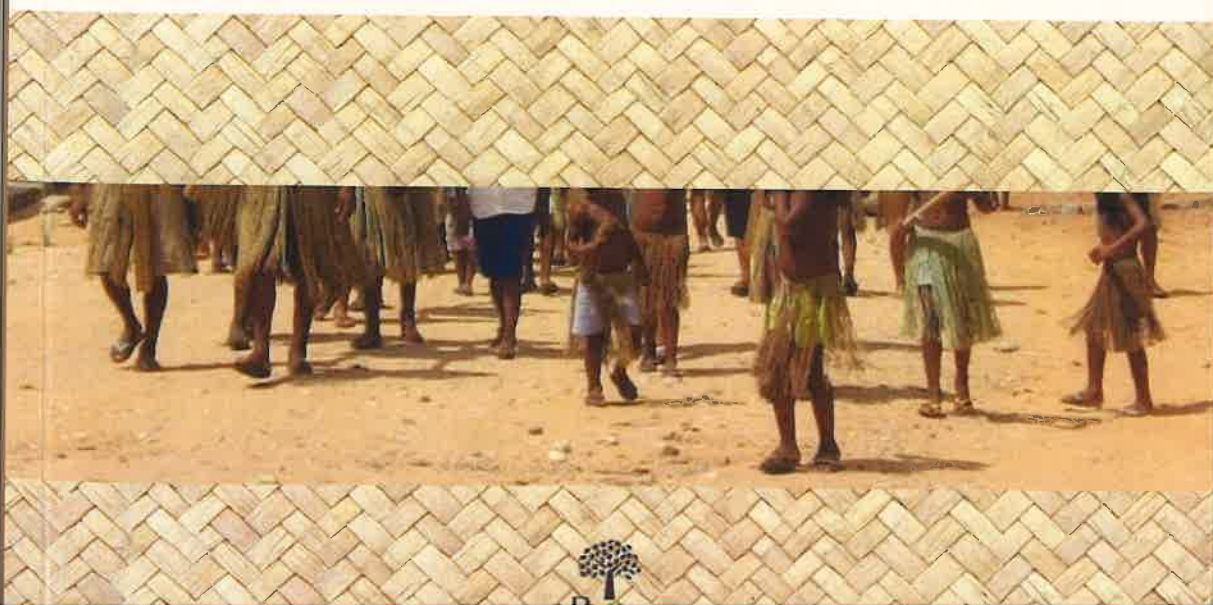
ANTROPOLOGIA E/DA EDUCAÇÃO

APRENDIZAGEM COMO CAMINHADA
E FORMAÇÃO COMO TRAVESSIA

SÍLVIA MICHELE LOPES MACEDO
LEONARDO RANGEL
(ORGS.)

SANDRA TOSTA
RICARDO VIEIRA
GILMAR ROCHA
JAMILE BORGES DA SILVA
RAIMUNDO NONATO F. DO NASCIMENTO
LADY SELMA FERREIRA ALBERNAZ

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO
(PREFÁCIO)



ANTROPOLOGIA E/DA EDUCAÇÃO

APRENDIZAGEM COMO CAMINHADA
E FORMAÇÃO COMO TRAVESSIA

SÍLVIA MICHELE LOPES MACEDO
LEONARDO RANGEL
(ORGS.)

SANDRA TOSTA
RICARDO VIEIRA
GILMAR ROCHA
JAMILE BORGES DA SILVA
RAIMUNDO NONATO F. DO NASCIMENTO
LADY SELMA FERREIRA ALBERNAZ

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO
(PREFÁCIO)

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia
sem a autorização escrita da Editora.
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo - SP)

M141a Macedo, Sílvia Michele Lopes; Reis, Leonardo Rangel dos (org.).
Antropologia e/da educação: aprendizagem como caminhada e formação como travessia /
Organizadores: Sílvia Michele Lopes Macedo e Leonardo Rangel dos Reis;
Prefácio de Carlos Rodrigues Brandão. – 1. ed. – Campinas, SP : Pontes Editores, 2021.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5637-357-7

1. Antropologia 2. Educação - Formação de Professores. 3. Prática Pedagógica.
I. Título. II. Assunto. III. Organizadores

Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846

Índices para catálogo sistemático:

1. Antropologia. 301
2. Educação - Formação de Professores. 370
3. Prática Pedagógica. 370.71
4. Didática - Métodos de ensino instrução e estudo - Pedagogia. 371.3

Copyright © 2021 - Dos organizadores representantes dos colaboradores
Coordenação Editorial: Pontes Editores
Editoração: Eckel Wayne
Capa: Acesa Design
Foto da Capa: Sílvia Michele Lopes Macedo (Local: Aldeia de Mirandela, Banzaê-Bahia, Povo Kiriri, 2006)
Revisão: Joana Moreira

CONSELHO EDITORIAL:

Angela B. Kleiman
(Unicamp - Campinas)

Clarissa Menezes Jordão
(UFPR - Curitiba)

Edleise Mendes
(UFBA - Salvador)

Eliana Merlin Deganutti de Barros
(UENP - Universidade Estadual do Norte do Paraná)

Eni Puccinelli Orlandi
(Unicamp - Campinas)

Gláís Sales Cordeiro
(Université de Genève - Suisse)

José Carlos Paes de Almeida Filho
(UnB - Brasília)

Maria Luisa Ortiz Alvarez
(UnB - Brasília)

Rogério Tilio
(UFRJ - Rio de Janeiro)

Suzete Silva
(UEL - Londrina)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
(UFMG - Belo Horizonte)

PONTES EDITORES

Rua Dr. Miguel Penteadó, 1038 - Jd. Chapadão

Campinas - SP - 13070-118

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

colaboradores

ia de Mirandela, Banzaê-Bahia,

ros
Paraná)

lho

Paiva

SUMÁRIO

PREFÁCIO

A ESTRANHA AUSÊNCIA, AGORA PRESENTE 11
Carlos Rodrigues Brandão

APRESENTAÇÃO 21

Silvia Michele Lopes Macedo
Leonardo Rangel dos Reis

Capítulo I

O LUGAR DA PALAVRA NA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE: UM DIÁLOGO
COM A ANTROPOLOGIA SENSÍVEL 27

Sandra Tosta
Gilmar Rocha

Capítulo II

ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO E SUA EMERGÊNCIA E DESENVOLVIMENTO
EM PORTUGAL 55

Ricardo Vieira

Capítulo III

APRENDIZAGEM, FORMAÇÃO E VIDA: COMPREENSÕES ANTROPOLÓGICAS,
ETNOGRÁFICAS E ETNOBIOGRÁFICAS 75

Silvia Michele Lopes Macedo

Capítulo IV	
EDUCAÇÃO DA ATENÇÃO DA VERTIGEM ÀS CAMINHADAS: ABERTURA E EXPOSIÇÃO DOS CURRÍCULOS INTER/MULTIESPECÍFICOS NAS COREOGRAFIAS ONTOLÓGICAS	95
Leonardo Rangel dos Reis	
Capítulo V	
EPISTEMOLOGIAS ATENTAS: ANTROPOLOGIAS PARA COMPREENDER A GRAMÁTICA DESSES TEMPOS	125
Jamile Borges da Silva	
Capítulo VI	
DIÁLOGO ENTRE SABERES NA ESCOLA INTERCULTURAL: COMO PÔR EM PRÁTICA?	147
Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento Lady Selma Ferreira Albermaz	
AUTORES	151

CAPÍTULO II

ANTROPOLOGIA DA EDUCAÇÃO E SUA EMERGÊNCIA E DESENVOLVIMENTO EM PORTUGAL

Ricardo Vieira

Objeto, teoria e método da Antropologia da Educação

Raul Iturra, um dos pioneiros do desenvolvimento da Antropologia da Educação em Portugal, refere, nos anos 1990, que a continuidade histórica de qualquer grupo ou sociedade está dependente do processo educativo:

Talvez aos leitores não tenha ocorrido ainda que a criança sabe. Quer dizer criança é um ser humano capaz de definir o real tal como esse real surge aos seus olhos e ouvidos. [...] A maior parte das sociedades, ocidentais ou em processo de transição para o desenvolvimento, ou ainda naquelas onde subsistem usos e costumes ditos primitivos, tem o cuidado de entender que os pequenos deverão ser adultos semelhantes a eles. Toda a sociedade espalhada pelo mundo cuida, considera, toma conta dos mais novos como seres que virão a reproduzir o agir social; pelo que nenhuma transgressão é aceite socialmente. Eis a ideia que domina todo o pensamento científico como o pragmático, na nossa sociedade: bom e mau comportamento, prémio e castigo, louvor ou punição, inteligência ou desentendimento, obediência ou agressividade. A criança passa a ser um

objecto de preocupações: deve ser corrigida, ou socializada em instituições especificamente definidas pelo grupo social, como a iniciação, os ritos públicos, a escola, o irmão mais velho, a tia que nunca casou, os avós. A pequenada é cuidada porque é definida como o futuro do grupo. (ITURRA, 1996, p. 9-10)

Eis, para começar, uma boa apresentação dos interesses da Antropologia da Educação: educar para assegurar a reprodução social. O processo educativo não decorre apenas da aprendizagem escolar, mas, sobretudo, da interação das gerações heterogêneas de épocas diferentes que coexistem (real ou historicamente), durante um tempo determinado, num mesmo espaço e num mesmo tempo.

A Antropologia da Educação que aqui se defende não se cinge apenas à etnografia dos contextos educativos na escola, fora da escola, na família, nos tempos livres, etc., mas pretende, também, compreender as metamorfoses culturais que ocorrem na vida dos indivíduos em consequência das convergências e divergências dos trajetos de vida face à cultura de partida. Assume, pois, a ideia já não tanto de uma antropologia das culturas, mas, antes, de uma antropologia das pessoas, elas próprias processos culturais em auto e heteroconstrução/reconstrução de si mesmas e da imagem que dão para os outros (VIEIRA, 2009, 2011). Por isso, há uma grande ênfase no estudo de alunos e professores através das suas biografias educativas para compreender como se tornaram naquilo que são (VIEIRA, 1996, 1998, 1999a, 2009). Durante a sua história de vida e o seu processo de socialização, que pode ser mais ou menos heterogêneo, conforme as esferas culturais, o indivíduo não desempenha um papel que lhe é absolutamente exterior. Nas sociedades modernas é cada vez menor o peso da sociedade na determinação das identidades. A sociedade oferece apoios que facilitam o trabalho individual de encerramento em si. A auto e a heteroformação vão a par, mas, finalmente, é o Homem que se constrói a si próprio, não sendo o produto do papel químico do *pattern of culture* da escola de cultura e personalidade (VIEIRA, 1999b). Daí a importância da captação das subjetividades dos sujeitos estudados desse ponto de vista êmico que já Malinowski propunha. O indivíduo

...rigida, ou socializada em
...as pelo grupo social, como
...ola, o irmão mais velho, a
...quenada é cuidada porque
(ITURRA, 1996, p. 9-10)

...dos interesses da An-
...reprodução social. O
...dizagem escolar, mas,
...s de épocas diferentes
...m tempo determinado,

...defende não se cinge
...escola, fora da escola,
...também, compreen-
...da dos indivíduos em
...s dos trajetos de vida
...já não tanto de uma
...ropologia das pessoas,
...eroconstrução/recons-
...a os outros (VIEIRA,
...o estudo de alunos e
...vas para compreender
6, 1998, 1999a, 2009).

...o de socialização, que
...as esferas culturais, o
...absolutamente exterior.
...peso da sociedade na
...e apoios que facilitam
...to e a heteroformação
...constrói a si próprio,
...*in of culture* da escola
...Daí a importância da
...os desse ponto de vista

interioriza, realmente, esquemas de pensamento e de acção. Este fragmento de sociedade interiorizada está, neste instante, no centro da sua definição mais pessoal. Os esquemas interiorizados reconfiguram o património de hábitos e as arbitragens entre redes cognitivas, tecem laços com segmentos de reflexividade social, introduzem elementos novos no trabalho ficcional do pequeno cinema. [...] O indivíduo é um processo aberto, perpetuamente evolutivo. Não cessa de interiorizar novas imagens, novos pensamentos, novos esquemas implícitos. Todos os dias, aos milhões. (KAUFMANN, 2003, p. 243-244)

Ainda relativamente à deslocação de enfoques e de objetos na Antropologia em geral e na Antropologia da Educação em particular, convém também frisar que a educação não remete apenas para a escola, como veremos detalhadamente ao longo deste relatório. Se o sentido corrente da palavra Educação e as próprias Ciências da Educação, tantas vezes, remetem o ensino e a aprendizagem para o domínio das aulas e das escolas, a verdade é que a Antropologia há muito que faz notar que a escolarização dá às crianças e aos jovens apenas um pequeno contributo para a inculturação e construção identitária¹. “Aprender, recordar, falar, imaginar, tudo isto é possibilitado através da construção numa cultura” (BRUNER, 2000, p. 11). E a criança não cai de paraquedas na escola. A criança que chega à escola já tem todo um percurso de construção cultural que lhe dá um entendimento para a vida e uma epistemologia com a qual se senta como aluno nas cadeiras da escola (ITURRA, 1990a, 1990b):

[...] Quando falo de aprendizagem, falo da incorporação no grupo social dos novos membros que nele nascem. Esta incorporação faz-se segundo a memória que existe já no conjunto das pessoas, e por diversas vias. É na escola que se pensa, quando se fala em aprendizagem. Todavia, a criança, o sujeito que é incorporado, já aprendeu um conjunto de princípios, distinções

1 Note-se a coleção de livros de Antropologia da Educação, publicada em Portugal pela Escher e pela Fim de Século, e coordenada por Raul Iturra, que dá pelo nome de “A Aprendizagem Para Além da Escola”. Sobre esta problemática, a apresentação da coleção é notável: “o objectivo desta coleção é dar a conhecer o saber que as pessoas retiram da sua experiência social, para suplementar o que a escola não ensina: a didáctica cultural da transmissão oral das ideias que o saber letrado não incorpora no ensino”.

e técnicas, por meio das quais a memória do grupo passa a ser parte do seu conhecimento e da sua própria lembrança. (ITURRA, 1990b, p. 51)

Eu próprio dou conta, para o contexto português, das continuidades e das descontinuidades culturais entre a escola e o lar tão diversas para os diferentes alunos que frequentam a escolaridade obrigatória:

Uma propriedade essencial da aprendizagem é que as hipóteses de sucesso são determinadas pelo saber já adquirido e disponível. Ora, se o aluno cujos conhecimentos e aptidões adquiridas no meio de que é proveniente diferem profundamente dos dinamizados na escola, terá escassa probabilidade de poder efectuar a ligação entre estes e o seu próprio saber, condição indispensável da aprendizagem. [...] Para além da diferença entre culturas orais e letradas há outras que passam por taxonomias várias: rural/urbano, identidades e peculiaridades dentro do próprio rural e urbano, diversidades étnicas, etc. [...]. (VIEIRA, 1992, p. 134)

Ainda a propósito de que estudar os processos educativos não é sinónimo de estudar o ensino e a aprendizagem na escola, Jerome Bruner, que tem viajado da psicologia cognitiva para a psicologia cultural e que tem assim feito uma grande aproximação à Antropologia², numa obra dedicada à cultura da educação, diz que

² É o próprio Bruner que, numa outra obra, *Actos de Significado*, refere que “para conhecer o Homem, é necessário vê-lo sobre o pano de fundo do reino animal a partir do qual ele evoluiu, no contexto da cultura e da linguagem, que fornecem o mundo simbólico em que vive, e à luz dos processos de desenvolvimento que fazem convergir estas duas poderosas forças. Na altura estávamos convencidos de que a Psicologia não poderia fazer tudo sozinha. [...] E, no meio de tudo isto, fundou-se o ‘Centro de Estudos Cognitivos’ [...]. Menciono-o aqui apenas para expressar uma dívida para com outra comunidade que me convenceu de que as fronteiras que separam campos como a psicologia, a antropologia, a linguística ou a filosofia eram mais questões de conveniência administrativa do que de substância intelectual” (BRUNER, 1997, p. 15-16). Mais à frente, refere que “hoje encontram-se centros florescentes de psicologia cultural, antropologia cognitiva e interpretativa, de linguística cognitiva e, acima de tudo, um próspero empreendimento mundial que se ocupa, como nunca antes acontecera desde Kant, com a filosofia da mente e da linguagem. É, provavelmente, um sinal dos tempos que os dois indigitados para as conferências Jerusalem-Harvard no ano académico de 1989/90 representem, cada um à sua maneira, esta tradição – O Prof. Geertz na antropologia e eu na psicologia”. (BRUNER, 1997, p. 16).

memória do grupo passa a da sua própria lembrança.

guês, das continuidades o lar tão diversas para de obrigatória:

rendizagem é que as hipó- pelo saber já adquirido e conhecimentos e aptidões eniente diferem profundamente terá escassa probabilidade estes e o seu próprio saber, izagem. [...] Para além da adas há outras que passam io, identidades e peculiarir- pano, diversidades étnicas,

essos educativos não é escola, Jerome Bruner, psicologia cultural e que ropologia², numa obra

ado, refere que “para conhecer o imal a partir do qual ele evoluiu, ndo simbólico em que vive, e à estas duas poderosas forças. Na ia fazer tudo sozinha. [...] E, no s’ [...]. Menciono-o aqui apenas e convenceu de que as fronteiras guística ou a filosofia eram mais a intelectual” (BRUNER, 1997, ntros florescentes de psicologia ica cognitiva e, acima de tudo, o nunca antes acontecera desde mente, um sinal dos tempos que d no ano académico de 1989/90 . Geertz na antropologia e eu na

os tempos de mutação que são os nossos vêm marcados por fundas conjecturas sobre o que devem fazer as escolas em favor de quem se inscreva ou seja forçado a inscrever-se nelas – ou, na mesma ordem de ideias, sobre o que podem as escolas fazer, dada a força de outras circunstâncias. [...] Se alguma coisa tem ficado cada vez mais claro nestes debates é que a educação não tem que ver propriamente com assuntos escolares convencionais, tais como currículo, níveis ou sistemas de prova. O que resolvemos fazer na escola só tem sentido quando considerado no contexto mais amplo daquilo que a sociedade pretende atingir por meio do investimento educativo dos jovens. [...] a sua tese central (do livro *Educação e Cultura*) é que a cultura molda a mente, que ela nos apetrecha com os instrumentos de que nos servimos para construir não só os nossos mundos, mas também as nossas reais concepções sobre nós próprios e sobre as nossas faculdades [...]. A vida mental é vivida com os outros, forma-se para se comunicar e desenvolve-se com a ajuda de códigos culturais, tradições e por aí adiante. Mas isto ultrapassa o domínio da escola. A educação não ocorre apenas nas aulas, mas à volta da mesa de jantar quando os membros da família fazem o confronto de sentido de tudo o que aconteceu ao longo do dia [...]. (BRUNER, 2000, p. 9-11)

Também a *Revista Europeia de Etnografia da Educação*, um periódico da SEEE – Sociedade Europeia de Etnografia da Educação –, que foi fundada em 1999, no colóquio de Lecce (Itália), fala da passagem da formulação “etnografia escolar” para “etnografia da educação” para dizer que não se limitam às investigações na instituição escolar, mas a todo o campo educativo entendido como fenómeno social global.

Por isso falo da educação entre a escola e o lar. Por isso digo que o sucesso e o insucesso escolar são construídos socialmente (ITURRA, 1990a, 1990b; VIEIRA, 1992). Por isso “a escola tem primeiro que investigar muito a sério as categorias culturais do povo local antes de ensinar o conhecimento da burguesia que não diz respeito ao entendimento de uma mente que crê” (ITURRA, 1990a, p. 97). Por isso defendo a ideia da construção de professores capazes de agir interculturalmente e de construir pedagogias interculturais (VIEIRA, 1995, 1996, 1999a, 2009).

História breve da Antropologia da Educação em Portugal

No início dos anos 1980, a licenciatura em Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa incluía uma cadeira optativa de Antropologia da Educação, lecionada pelo Professor Viegas Tavares³, que acumulava a docência com a de quadro superior do Ministério da Educação⁴.

Num artigo de 1985, Manuel José Alves Viegas Tavares resumia assim a Antropologia da Educação:

A Antropologia da Educação analisa as relações escola/comunidade e as suas implicações no processo de enculturação dos jovens. Aplicando os métodos de pesquisa e análise de ciências afins, mas centrando-se sempre no método etnográfico de observação participante na análise dos processos educacionais, visa contribuir para a solução de problemas da prática e da política educativa. (TAVARES, 1985, p. 53)

Viegas Tavares veio a fazer o seu doutoramento sobre o insucesso escolar e as minorias étnicas em Portugal⁵.

Paralelamente, o Professor Jorge Crespo desenvolvia também uma cadeira optativa de Antropologia do Jogo. De resto, como o próprio autor refere:

Nas sociedades tradicionais, os jogos integravam-se no complexo de cerimónias cíclicas através das quais as crianças e os

3 No ano letivo de 1983/84, eu próprio fui seu aluno e desenvolvi para avaliação final um pequeno trabalho de pesquisa etnográfica numa escola de Lisboa com o financiamento do Ministério da Educação.

4 Claro que haverá sempre muitos trabalhos que podem ser considerados precursores do interesse pelo cruzamento da antropologia com a educação. Mas isso daria uma grande história que não cabe neste relatório. É, no entanto, de salientar o interesse de Adolfo Coelho (1847-1919) pelas questões da pedagogia e da antropologia: *A Cultura Mental do Analfabetismo*, Boletim da Assistência Nacional aos Tuberculosos, v. 1-19, 1910; *Cultura e Analfabetismo*, Porto: Renascença Portuguesa, 1916; *Cultura Popular e Educação*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1993, com organização e prefácio de João Leal.

5 TAVARES, M. V. *O insucesso escolar e as minorias étnicas em Portugal: uma abordagem antropológica da educação*. Lisboa: Piaget, 1998.

jovens se apropriavam da cultura das suas comunidades. Em particular, nos ciclos do Inverno e da Primavera, destacam-se os jogos que constituíam experiências fundamentais da morte e da vida, no processo cíclico de reestruturação do mundo. Nestes casos, o jogo é um dos elementos mais importantes na formação das personalidades, no domínio das relações com os outros, espaço e tempo da liberdade favorável à inovação e transformação da realidade. (CRESPO, 1999, p. 97)

Terminada a minha licenciatura, e depois de dois anos a ensinar Geografia e Antropologia no Ensino Secundário⁶, vim a ingressar na Escola Superior de Educação de Leiria (ESEL)⁷, que tinha iniciado a sua função docente há apenas um ano. Todos os cursos de então⁸ incluíam nos seus *curricula* a disciplina de Introdução às Ciências Sociais, no 1.º semestre, sendo que os cursos de Educadores de Infância e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico tinham, depois, no 1.º semestre do 2.º ano, Antropologia Cultural. Fui convidado a construir o programa de Antropologia Cultural e fi-lo, em 1987, com uma 2.ª parte que, depois das noções operatórias básicas da Antropologia Geral e das Ciências Sociais, apontava para o estudo do processo educativo, embora, na altura, confesso, não tivesse formação suficiente para ir além do culturismo americano e da escola de cultura e personalidade. Os livros obrigatórios de então, lembro-me,

6 Na área de Estudos Humanísticos, ramo de Jornalismo e Turismo, no Ensino Secundário os alunos tinham, obrigatoriamente, de cursar Antropologia. O programa e o manual mais divulgado era, na altura, da autoria de Augusto Mesquitela Lima, Benito Martínez e João Lopes Filho. Os professores de Antropologia Cultural, do 10.º ano, não tinham habilitação própria nem formação específica em Antropologia, “tendo sido na sua generalidade, os professores de Geografia, encarregues de a leccionar – o que nem sempre fazem com gosto, mas apenas por necessidade de complemento de horário, pois o número de aulas de Antropologia não chega para formar um horário lectivo normal de 22 horas” (SOUTA, 1982, p. 52). “Entretanto, a disciplina de Antropologia Cultural desapareceu com a nova reforma curricular, tendo deixado de ser leccionada em 1993/94” (SANTOS; SEIXAS, 1997, p. 116).

7 No ano letivo de 1987/88.

8 Poucos cursos na altura: Formação de Professores para o 1.º Ciclo, Educadores de Infância, Professores do 2.º Ciclo do Ensino Básico, variante de Português/Francês. Em 2008, e após o desenvolvimento de outras áreas científicas e outros cursos na ESEL, desde 1993, para além da formação de professores, como é o exemplo de RHCT – Recursos Humanos e Comunicação no Trabalho –, Turismo, CSEM – Comunicação Social e Educação Multimédia –, Serviço Social, Educação Social, Educação Social e Animação Cultural, todos eles com UC de antropologia, a escola mudou de nome e chama-se, atualmente, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) (Despacho Normativo n.º 35/2008; Novos Estatutos do Instituto Politécnico de Leiria, publicados na 2.ª série do Diário da República, n.º 139, de 21 de julho).

eram o célebre *Padrões de Cultura*, de Ruth Benedict, e *O Conflito de Gerações*, de Margaret Mead, para além do *Man and His Works*, de M. Herskovits.

No ano de 1988, integrei a comissão organizadora das I Jornadas de Antropologia e Etnologia Regional, de Leiria, realizadas a 10, 11 e 12 de novembro. A minha preocupação com o cruzamento da antropologia com a educação era de tal forma já considerável na altura que consegui que a manhã do primeiro dia fosse inteiramente dedicada ao tema da Antropologia e Educação. Foram conferencistas convidados para esta sessão os professores Raul Iturra, do ISCTE, que apresentou a conferência “A passagem da oralidade à escrita na formação do saber: o mito do insucesso escolar”, e Augusto Mesquitela Lima, da FCSH – Universidade Nova de Lisboa, que apresentou a conferência “A Antropologia e o Sistema Educativo”⁹.

É preciso recordar que as Escolas Superiores de Educação (ESE) nasceram a partir dos Magistérios Primários que, há já alguns anos, tinham também, nos currículos da formação de professores e de educadores de infância, a disciplina de Antropologia Cultural muito desenvolvida em torno da obra de Herskovits, *Man and His Works*, traduzida em edição brasileira por *Introdução à Antropologia Cultural*, em três tomos que basicamente constituíam o manual da disciplina, um pouco por todos os Magistérios do país, numa tentativa de relativizar a mente dos futuros professores e educadores.

O corpo docente das emergentes Escolas Superiores de Educação foi alimentado, basicamente por todo o país, por professores que haviam feito os seus mestrados em Ciências da Educação, financiados por um projeto do Banco de Portugal, ora nos Estados Unidos da América, na Universidade de Boston, ora em França, na Universidade de Bordéus. Os que fizeram as suas especializações em Análise Social da Educação ou em Metodologia dos Estudos Sociais são, provavelmente, os docentes que estão na origem das disciplinas de Análise Social da Educação, Sociologia da Educação e Antropologia da Educação dos currículos de formação das ESEs. Nalgumas escolas surgiu mesmo a disciplina de

⁹ Estes textos, e os demais, foram publicados nas *Atas das I Jornadas de Antropologia e Etnologia Regional*, dias 10, 11 e 12 de novembro de 1988, Leiria: Escola Superior de Educação.

edict, e *O Conflito de and His Works*, de M.

adora das I Jornadas de izadas a 10, 11 e 12 de to da antropologia com ura que consegui que a io tema da Antropologia a esta sessão os profes- nferência “A passagem o do insucesso escolar”, idade Nova de Lisboa, Sistema Educativo”⁹.

es de Educação (ESE) á já alguns anos, tinham res e de educadores de uito desenvolvida em s, traduzida em edição al, em três tomos que um pouco por todos os ar a mente dos futuros

uperiores de Educação professores que haviam io, financiados por um Unidos da América, na versidade de Bordéus. se Social da Educação vavelmente, os docen- se Social da Educação, ação dos currículos de mesmo a disciplina de

rnadas de Antropologia e Etno- r: Escola Superior de Educação.

Sócio-Antropologia, como é o caso de Castelo Branco, lecionada por Luís Costa. Na ESE de Setúbal foi criada a disciplina de Antropologia da Educação, que funcionou pela primeira vez no ano letivo de 1988/89, e cuja coordenação tem sido assegurada por Luís Souta, também ele Mestre em Ciências da Educação¹⁰ pela Universidade de Boston. Na ESE de Leiria, surgiu a Antropologia da Educação como disciplina optativa dos cursos de Formação de Professores para o 1.º Ciclo e de Educadores de Infância, em 1992, sob proposta de Ricardo Vieira¹¹.

Outras Escolas Superiores de Educação e Universidades públicas e privadas, embora não tendo especificamente Antropologia da Educação nos seus currículos, acabam por ter algumas disciplinas viradas para a questão da educação e diversidade cultural que, inevitavelmente, não podem/devem perder a experiência da Antropologia nessas matérias, como é o caso de Carlos Cardoso e de Teresa Vasconcelos da ESE de Lisboa que apostou mais em UC temáticas, transversais e menos disciplinarizantes¹².

Entre 1993 e 1997, a secção de Antropologia da Educação da A.P.A. – Associação Portuguesa de Antropologia –, presidida pelo professor Raul Iturra e da qual eu próprio fazia parte, reuniu várias vezes com o Ministério da Educação a propósito da habilitação própria para lecionar no Ensino Secundário e de outras saídas profissionais para os Antropólogos no ensino: Área-Escola, criada pelo Decreto-Lei 286/89, definida como uma área curricular não disciplinar, e os TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Comunitária), criados pelo Despacho 147-B/ME/96.

Mas é, inegavelmente, a Raul Iturra que se deve o *boom* do desenvolvimento da Antropologia da Educação em Portugal. Em 1987, Raul Iturra dava o grande pontapé de saída com o trabalho de campo com observação

10 Luís Souta, Professor Coordenador da ESE de Setúbal, é, no entanto, licenciado em Antropologia e doutorando em Antropologia da Educação no ISCTE.

11 Ricardo Vieira, sem qualquer grau em Ciências da Educação, desde muito cedo que orientou a Antropologia (licenciatura) para a questão da educação e da diversidade cultural e para a legitimação da Antropologia da Educação (tese de mestrado e de doutoramento), sob a orientação do Doutor Raul Iturra, Professor Catedrático do ISCTE.

12 Ver a este propósito a obra *Nos Bastidores da Formação: Contributo para o Conhecimento da Situação Actual da Formação de Adultos para a Diversidade em Portugal*, de Carlinda Leite, Rosa Madeira, Rosa Nunes e Rui Trindade, coordenada por Luíza Cortesão (CORTESÃO, 2000). O trabalho de Carlos Cardoso, professor da Escola Superior de Educação de Lisboa, é notável sobre a questão da escola e das propostas inter/multiculturais.

participante, iniciado em Vila Ruiva, com Filipe Reis, Paulo Raposo, Nuno Porto e Berta Nunes. Aproveitavam o tempo livre que a escola concedia às crianças para fazerem atividades com elas a fim de compreender as suas representações sociais e conhecimento local. Assim, brincavam à família, ao hospital, à doença, etc. Compravam cadernos, papel e lápis e faziam com as crianças os trabalhos de casa. Iturra, através da metodologia das genealogias, levava os alunos a pensar a sua história, o património dos pais, terras, os animais, etc.¹³ (ITURRA; REIS, 1990; e ITURRA, 2000). Dessa investigação foram publicados, na coleção “A Aprendizagem Para Além da Escola”, os seguintes livros: *Fugirás à Escola Para Trabalhar a Terra: Ensaio de Antropologia Social Sobre o Insucesso Escolar* de Raul Iturra (ITURRA, 1990b); *A Construção Social do Insucesso Escolar: Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva* de Raul Iturra (ITURRA, 1990a); *O Corpo, a Razão, o Coração: A Construção Social da Sexualidade em Vila Ruiva* de Nuno Porto (PORTO, 1991); *Corpos, Arados e Romarias: Entre a Fé e a Razão em Vila Ruiva* de Paulo Raposo (RAPOSO, 1991); *Educação, Ensino e Crescimento: O Jogo Infantil e a Aprendizagem do Cálculo Económico em Vila Ruiva* de Filipe Reis (REIS, 1991); *O Saber Médico do Povo* de Berta Nunes (NUNES, 1997).

Vieram a juntar-se a estas publicações a *Escola e Aprendizagem para o Trabalho num País da (Semi)periferia Europeia*, de Stephen Stoer e Helena Araújo (STOER; ARAÚJO, 1992); e *Entre a Escola e o Lar: O Curriculum e os Saberes da Infância* de Ricardo Vieira (VIEIRA, 1992).

Exploro melhor o papel de Raul Iturra no desenvolvimento da Antropologia da Educação em Portugal no ponto seguinte: Investigação e Ensino da Antropologia da Educação no ISCTE.

É de assinalar aqui, também, em termos do desenvolvimento da Antropologia da Educação em Portugal, ainda que de uma forma mais interdisciplinar, e em particular com a Sociologia da Educação, o surgimento da revista *Educação, Sociedade & Culturas*, em 1994, propriedade da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação, dirigida pelo

13 Ver entrevista dada por Raul Iturra em 1999 a Ana Levy Aires, Ana Felisbela Lavado e Paula Godinho para a revista *Arquivos da Memória*, do Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa da Universidade Nova de Lisboa, n.º 67.

Paulo Raposo, Nuno
 e a escola concedia às
 compreender as suas
 , brincavam à família,
 papel e lápis e faziam
 s da metodologia das
 ria, o património dos
 0; e ITURRA, 2000).
 A Aprendizagem Para
Escola Para Trabalhar
Insucesso Escolar de
do Insucesso Escolar:
 iturra (ITURRA, 1990a);
al da Sexualidade em
 , *Arados e Romarias:*
 so (RAPOSO, 1991);
e a Aprendizagem do
 REIS, 1991); *O Saber*

e Aprendizagem para
 a, de Stephen Stoer e
e a Escola e o Lar: O
 ieira (VIEIRA, 1992).

envolvimento da An-
 guinte: Investigação e

desenvolvimento da
 e de uma forma mais
 da Educação, o surgi-
 em 1994, propriedade
 Educação, dirigida pelo

Ana Felisbela Lavado e Paula
 todos de Etnologia Portuguesa

falecido professor Stephen Stoer e que, em termos de secretariado de redação e conselho de redação, integra vários sociólogos, cientistas da educação e antropólogos (Raul Iturra desde o primeiro número¹⁴, Ricardo Vieira desde o segundo e, mais tarde, Filipe Reis, Paulo Raposo, Luís Souta e Amélia Frazão-Moreira). Esta revista, que tem tido um forte pendor etnográfico, saiu, no seu primeiro número, com seis artigos que abordam temas variados:

O primeiro artigo [da autoria de Stephen Stoer] aborda a construção, possivelmente “contra-hegemonia”, do conceito do professor inter/multicultural através do campo da recontextualização pedagógica. A seguir, apresentamos dois artigos que estudam o processo de aprendizagem nas crianças como forma de produção e construção de novos saberes e poderes: enquanto o artigo de Raul Iturra ensaia ideias sobre a natureza do processo educativo, o artigo de Georges Augustin lança um olhar antropológico sobre o jogo de berlindes. O artigo de Luiza Cortesão e colaboradores apresenta uma análise das histórias contadas por crianças luso-brancas e luso-ciganas, que vivem no que é denominada ‘uma situação de ghetto sócio-cultural’, como tentativa de aceder a uma compreensão dos seus quotidianos. Na base de um conhecimento da evolução de instituições de ensino técnico, encontramos, no artigo de Sérgio Grácio, uma proposta para um modelo explicativo dos graus de autonomia ou de heteronomia nas relações das instituições de ensino com as instituições económicas e o mercado de emprego. Finalmente, Augusto Santos Silva, recusando uma visão linear e sucessiva de mudança, apresenta-nos uma reflexão crítica sobre o conceito e as teorias da mudança social. (STOER, 1994, p. 5)

Com o falecimento de Stephen Stoer, a *Educação, Sociedade & Culturas* sofreu várias reestruturações, sendo, neste momento, o órgão de difusão científica do CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

14 Contudo, Ricardo Vieira colaborou, particularmente, na organização da secção “Diálogos sobre o Vivido”, sobre a temática “sistemas de avaliação dos alunos do Ensino Básico”, conjuntamente com Telmo Caria e Ana Benavente,

O desenvolvimento da Antropologia da Educação no ISCTE-IUL, Lisboa

A Antropologia da Educação, em Portugal, em termos de investigação, emergiu, fundamentalmente, no ISCTE, como disse, pela mão de Raul Iturra, que assim foi progredindo da Antropologia Económica para o estudo da aprendizagem e da transmissão cultural para além da escola e para o estudo da mente cultural e da epistemologia da criança (ITURRA, *passim*):

Este objectivo de entender a racionalidade reprodutiva tem-me levado da Antropologia Económica à Antropologia da Educação, passando, pelo meio, por criar, em conjunto com uma equipa que angariei enquanto colaborava na fundação do departamento do ISCTE, uma Antropologia Urbana, uma Antropologia do Turismo, Antropologia da Sexualidade, Antropologia do Género.

[...] Eu queria entender a racionalidade daquelas estratégias reprodutivas. Isso levou-me, por insistência de Paulo Raposo, que fez comigo trabalho de campo, ou o Filipe Reis, ou o Nuno Porto, a meter-me por uma ideia feliz daquela equipa: como é a epistemologia do lar, a epistemologia dos seres humanos, através do que é que pensam e como pensam as crianças acerca do que acontece na sua casa. Então, inventámos os ATL, os tempos livres, e, a partir das brincadeiras e jogos passámos a analisar, começámos a brincar com as crianças. As crianças vêem o mundo através dos olhos dos adultos, porque a criança não tem ainda conceitos, trata mal os conceitos. [...] As crianças entendem o mundo da forma que os pais o entendem, tanto assim que os inimigos dos pais, as crianças não entendem porquê mas são também seus inimigos.¹⁵

A criança não é o domínio de ninguém, é do domínio dela própria. A cultura está dividida em duas partes: a dos adultos e a da infância, só que ninguém dá por isso.¹⁶

15 Extrato de entrevista dada por Raul Iturra em 1999 a Ana Levy Aires, Ana Felisbela Lavado e Paula Godinho para a revista *Arquivos da Memória*, do Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa da Universidade Nova de Lisboa, n.º 6/7, p. 129.

16 Entrevista dada por Raul Iturra aos *Cadernos de Educação de Infância*, n.º 62, abril/maio/junho de 2002, p. 4.

no ISCTE-IUL, Lisboa

em termos de investi-
como disse, pela mão
Antropologia Económica
cultural para além da
istemologia da criança

nalidade reprodutiva tem-
ómica à Antropologia da
or criar, em conjunto com
o colaborava na fundação
Antropologia Urbana, uma
logia da Sexualidade, An-

idade daquelas estratégias
sistência de Paulo Raposo,
ou o Filipe Reis, ou o Nuno
eliz daquela equipa: como
ologia dos seres humanos,
pensam as crianças acerca
o, inventámos os ATL, os
deiras e jogos passámos a
as crianças. As crianças
os adultos, porque a crian-
nal os conceitos. [...] As
na que os pais o entendem,
as crianças não entendem
gos.¹⁵

guém, é do domínio dela
duas partes: a dos adultos
por isso.¹⁶

y Aires, Ana Felisbela Lavado
entro de Estudos de Etnologia

le *Infância*, n.º 62, abril/maio/

A lecionação em cadeira autónoma viria a acontecer no ISCTE, pela primeira vez, no ano letivo de 1994/95, mas foi precedida de muita investigação financiada pelo INIC e pela FCT e de muito debate no país e no estrangeiro.

A propósito da primeira obra da coleção “A Aprendizagem Para Além da Escola”, Pedro Silva, numa recensão bibliográfica da obra atrás citada de Stoer e Araújo (STOER; ARAÚJO, 1992), diz que

o primeiro livro [Iturra, 1990b], um conjunto de ensaios, corresponde ao espriar do pensamento teórico do autor na perspectiva da afirmação de uma Antropologia da Educação. Trata-se de um pensamento radical, elaborado numa linguagem não hermética, que se debruça sobre a complexa relação entre o “saber letrado” (da escola) e a “mente cultural” (rural). (SILVA, 1994, p. 186)

Já antes, no trabalho de campo em Vilatuxe, em 1970 e em 1974, Raul Iturra reconhece¹⁷ que, ao estudar o grupo doméstico, se começou a interessar por como se aprendia a calcular na rua, no jogo, na economia doméstica, etc. As suas filhas começaram a ir à escola em Vilatuxe, onde falavam galego. Em casa, as línguas eram o castelhano e o inglês. E toda esta diversidade levava Iturra a pensar nas descontinuidades entre a casa e a escola. Embora a pesquisa aí realizada fosse centrada na vida económica, a ideia da aprendizagem para além da escola foi emergindo e viria a despertar o seu interesse pela Antropologia da Educação. Percebeu que as crianças eram educadas pela interação dentro do grupo onde vivem (ITURRA, 1997, 2001).

A partir dos finais da década de 1980, início de 90, Raul Iturra e a sua equipa de investigação iniciaram um conjunto de seminários fechados sobre Antropologia da Educação, à volta de temas como o insucesso escolar, a transgressão e a aprendizagem, a etnopsicanálise, o jogo e a aprendizagem, a oralidade e a escrita na aprendizagem, etc., em Portugal (Lisboa, Porto, Albergaria dos Doze, Alfândega da Fé, etc.) e em França

17 Dados apurados em entrevista com Raul Iturra, em sua casa, Parede, em 23 de julho de 2004.

(École des Hautes Études em Sciences Sociales e Collège de France) com a participação de Maurice Godelier, Marie Elizabeth Handman, Françoise Zonabend, Pierre Bourdieu, Monique de Saint Martin, François Bonvin e Bernard Lahire.

Na recensão da obra *O Saber das Crianças* (ITURRA, 1996), Luís Souta, professor de Antropologia da Educação na Escola Superior de Educação de Setúbal¹⁸, considera os cinco autores dos textos que compõem este livro (Raul Iturra, Amélia Frazão-Moreira, Filipe Reis, Paulo Raposo, Ricardo Vieira) como uma equipa pioneira que lançou em Portugal a Antropologia da Educação. Comparando-a com os trabalhos de Antropologia da Educação americana que se tem preocupado com o sistema formal, diz que *O Saber das Crianças*

[...] trilha outros caminhos, não em torno de “problemas” mas na procura das virtualidades e potencialidades das crianças para aprenderem e entenderem o real. A sua pesquisa faz-se por isso a montante do sistema educativo, procurando compreender os mecanismos da aprendizagem informal, num processo que conduz naturalmente ao reconhecimento e valorização desses saberes. (SOUTA, 1997b, p. 353)

Os trabalhos iniciais de Filipe Reis e de Paulo Raposo, no ISCTE, foram fundamentais para o desenvolvimento da Antropologia da Educação em Portugal. Ambos têm sido docentes desta cadeira optativa, no ISCTE, ao longo dos últimos 15 anos. A pesquisa de Reis, mais refletida nos programas desta disciplina, remetia essencialmente para a problemática da oralidade/escrita/literacia centrada nas obras de Goody e Iturra, bem como nas críticas contidas nos *New Literacy Studies* de finais dos anos 80 e anos 90 (cf. REIS, 1995, 1996, 1997). A perspectiva educacional de Paulo Raposo sublinhava mais o estudo da aprendizagem ritual (RAPOSO, 1991, 1996).

As pesquisas de Telmo Caria sobre culturas de escola e culturas profissionais, bem como sobre o método etnográfico (CARIA, 1994, 2000,

¹⁸ Luís Souta tem dado um contributo notável ao desenvolvimento da educação multicultural e da antropologia da educação em Portugal (1991, 1992, 1997a, 1997b).

Collège de France) com
Handman, Françoise
artin, François Bonvin

as (ITURRA, 1996),
ção na Escola Superior
utores dos textos que
-Moreira, Filipe Reis,
ioneira que lançou em
do-a com os trabalhos
em preocupado com o

orno de “problemas” mas
alidades das crianças para
a pesquisa faz-se por isso
procurando compreender
ormal, num processo que
ento e valorização desses

o Raposo, no ISCTE,
Antropologia da Edu-
esta cadeira optativa,
squisa de Reis, mais
essencialmente para a
a nas obras de Goody
' *Literacy Studies* de
(1997). A perspectiva
udo da aprendizagem

escola e culturas pro-
CARIA, 1994, 2000,

o da educação multicultural e
(1997b).

2002, 2003), e a de Amélia Frazão-Moreira sobre as classificações das crianças apreendidas do mundo adulto (FRAZÃO-MOREIRA, 1994) e sobre etnobotânica (FRAZÃO-MOREIRA, 2002), ambas orientadas por Raul Iturra e conducentes aos seus doutoramentos, engrossam a latitude da Antropologia da Educação que este impulsionou em Portugal.

Assumindo essa consciência e essa responsabilidade, Raul Iturra diz na Introdução ao livro *O Saber das Crianças*:

Uma parte do grupo que comigo trabalha decidiu escrever sobre o saber das crianças. Sob a minha orientação, ao longo do tempo; e hoje sob a minha coordenação, queríamos definir processos e actividades que permitam ao leitor entender o dito saber. Começo por abordar uma forma particular de interacção entre ascendente e descendente: aquela através da qual um grupo social contextualiza ou quer contextualizar, a emotividade do mais novo para assegurar a reprodução, isto é, a continuidade histórica das pessoas sobre a terra [...].

Amélia Frazão-Moreira [...] analisa o processo de interacção que no interior de um grupo doméstico, (de uma aldeia de Trás-os-Montes), transmite saberes e contra saberes através das tarefas que constituem o trabalho doméstico (nutrição, arranjo doméstico, nas conversas sobre os amores e a afectividade, etc.). [...]

Filipe Reis [...] analisa a forma como a escola introduz as crianças na cultura escrita, a partir de uma experiência de terreno, numa aldeia da serra da Estrela. [...]

Paulo Raposo [...] regressou comigo à Beira Alta e observou os comportamentos rituais dos pequenos, colectando dados a partir dos quais foi capaz de concluir que o real é representado e manipulado pela pequenada que estamos a estudar aí.

Ricardo Vieira [...] procura explicar como o adulto de hoje é resultado do jovem e da criança que antigamente foi; esta análise é feita por meio de entrevistas e análises de histórias de vida de professores do ensino Básico. (ITURRA, 1996, p. 10-11)

A disciplina de Antropologia da Educação, como cadeira optativa, foi oferecida no ISCTE às licenciaturas de Antropologia, Sociologia e

Psicologia Social e foi coordenada inicialmente por Raul Iturra e lecionada por este, por Filipe Reis e por Paulo Raposo, ora em colaboração conjunta, ora separadamente em termos de docência. De ano para ano, há algumas alterações pontuais em termos da ordem e da natureza das temáticas abordadas, mas, *grosso modo*, todos os programas abrangem o processo educativo na escola e fora da escola.

No ano letivo de 1995/96, a disciplina envolveu convidados exteriores ao ISCTE na lecionação das aulas n.º 7, 8, 9, 10, 11 e 12, com os seguintes docentes e respetivos temas: Telmo Caria – problemas metodológicos e de investigação em contexto escolar; Ricardo Vieira – histórias de vida e biografias; Luís Souta – multiculturalismo e educação; Luís Silva Pereira – etnicidade e identidade nacional; Amélia Frazão – saberes secretos; José Veiga – a análise do jogo (tradicional/moderno).

No programa de Antropologia da Educação que proponho no livro *Educação e Diversidade Cultural: Notas de Antropologia da Educação* (VIEIRA, 2011), mantenho a preocupação de pensar o aluno “em carne viva” entre duas esferas culturais e epistemológicas, a da casa e a da escola, e acrescento uma dimensão resultante de uma preocupação mais pessoal, que se prende com a reflexão biográfica e a hermenêutica de si mesmo, como forma de (auto)formação, presente, de forma mais evidente, nas últimas quatro aulas deste manual. Considerando o aumento da heterogeneidade da sociedade portuguesa e da conseqüente multiculturalidade da escola, as temáticas da educação e diversidade cultural e da reconstrução da identidade cultural são tratadas de forma mais explícita que nesses programas que atravessaram já mais de duas décadas no ISCTE (desde 1994). De igual forma, considerando o peso que os *media* têm na vida das crianças e dos jovens contemporâneos, a problemática da tradição e modernidade, local/global, mundialização da cultura, inscrevem uma mais evidente atenção ao tema da *educação e os media* e à emergência do que designo de *Homo Videns*¹⁹.

Para além da disciplina que integra como optativa os currículos das licenciaturas do ISCTE já mencionadas, é de assinalar, como corolário de

19 Título tomado de empréstimo da obra de Sartori (2000).

or Raul Iturra e lecio-
 , ora em colaboração
 cia. De ano para ano,
 em e da natureza das
 programas abrangem

veu convidados exte-
), 10, 11 e 12, com os
 – problemas metodo-
 ardo Vieira – histórias
 mo e educação; Luís
 élia Frazão – saberes
 al/moderno).

io que proponho no
de Antropologia da
 ão de pensar o aluno
 emológicas, a da casa
 de uma preocupação
 fica e a hermenêutica
 sente, de forma mais
 Considerando o au-
 sa e da consequente
 cação e diversidade
 ão tratadas de forma
 aram já mais de duas
 considerando o peso
 is contemporâneos, a
 val, mundialização da
 ma da *educação e os*
*dens*¹⁹.

tiva os currículos das
 ar, como corolário de

uma basta investigação e prática de ensino no ISCTE, a criação do primeiro mestrado em Portugal de Antropologia da Educação (2003-2005), coordenado por Raul Iturra, e com a colaboração de docentes internos (Filipe Reis, Paulo Raposo e Miguel Vale de Almeida do Departamento de Antropologia Social do ISCTE) e externos (Amélia Frazão-Moreira da Universidade Nova de Lisboa, Darlinda Moreira da Universidade Aberta, Luís Souta da ESE de Setúbal, Telmo Caria da UTAD, Ricardo Vieira da ESE de Leiria e José Catarino da ESE de Setúbal).

Referências

- BRUNER, J. *Actos de significado*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- BRUNER, J. *Cultura e educação*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- CARIA, T. A reforma escolar da avaliação dos alunos do ensino básico analisada no contexto da(s) cultura(s) do professor(es). *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 1, p. 159-173, 1994.
- CARIA, T. *A cultura profissional dos professores*. O uso do conhecimento em contexto de trabalho na conjuntura da reforma educativa dos anos 90. Lisboa: Gulbenkian, 2000.
- CARIA, T. A construção etnográfica do conhecimento em ciências sociais: reflexividade e fronteiras. In: CARIA, T. (org.). *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Afrontamento, p. 9-20, 2002.
- CARIA, T. (org.). *Metodologias etnográficas em ciências sociais*. Porto: Afrontamento, 2003.
- COELHO, A. *Cultura popular e educação*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1993.
- CORTESÃO, L. (coord.). *Nos bastidores da formação: contributo para o conhecimento da situação actual da formação de adultos para a diversidade em Portugal*. Oeiras: Celta Editora, 2000.
- CRESPO, J. Os jogos da morte e da vida. A aprendizagem do mundo. *Arquivos da Memória*, n. 6/7, p. 93-117, 1999.
- FRAZÃO-MOREIRA, A. Entre favas e ovelhas: categorias do mundo do adulto apreendidas pelas crianças numa aldeia do Alto Douro. *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 2, p. 39-57, 1994.
- FRAZÃO-MOREIRA, A. Aprender etnobotânica em terras de África: trabalho e campo entre os Nalu da Guiné-Bissau. In: CARIA, T. (org.). *Experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Afrontamento, 2002, p. 131-147.

ANTROPOLOGIA E/DA EDUCAÇÃO:
APRENDIZAGEM COMO CAMINHADA E FORMAÇÃO COMO TRAVESSIA

- ITURRA, R. *A construção social do insucesso escolar: memória e aprendizagem em Vila Ruiva*. Lisboa: Escher, 1990a.
- ITURRA, R. *Fugirás à escola para trabalhar a terra: ensaios de antropologia social sobre o insucesso escolar*. Lisboa: Escher, 1990b.
- ITURRA, R. (org.). *O saber das crianças*. Setúbal: ICE, 1996.
- ITURRA, R. *O imaginário das crianças: os silêncios da cultura oral*. Lisboa: Fim de Século, 1997.
- ITURRA, R. *O saber sexual das crianças. Desejo-te porque te amo*. Porto: Afrontamento, 2000.
- ITURRA, R. *O caos da criança: ensaios de antropologia da educação*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.
- ITURRA, R.; REIS, F. *O jogo infantil numa aldeia portuguesa*. Guarda: Associação de Jogos Tradicionais, 1990.
- KAUFMANN, J. C. *Ego. Para uma sociologia da cultura*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- MEAD, M. *O conflito de gerações*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.
- NUNES, B. *O saber médico do povo*. Lisboa: Fim de Século, 1997.
- PORTO, N. *O corpo, a razão, o coração: a construção social da sexualidade em Vila Ruiva*. Lisboa: Escher, 1991.
- RAPOSO, P. *Corpos, arados e romarias: entre a fé e a razão em Vila Ruiva*. Lisboa: Escher, 1991.
- RAPOSO, P. Diálogos com os santos: performance, dramaturgia e aprendizagem ritual. In ITURRA, R. (org.). *O saber das crianças*. Setúbal: ICE, 1996. p. 109-128.
- REIS, F. *Educação, ensino e crescimento: o jogo infantil e a aprendizagem do cálculo económico em Vila Ruiva*. Lisboa: Escher, 1991.
- REIS, F. A domesticação escolar do pensamento infantil: perspectivas teóricas para a análise das práticas escolares. *Educação, Sociedade & Culturas*, n.3, p. 37-55, 1995.
- REIS, F. Oralidade e escrita na escola primária: programas e práticas. In: ITURRA, R. (org.). *O saber das crianças*. Setúbal: ICE, 1996, p. 67-108.
- REIS, F. Da antropologia da escrita à literacia. Algumas reflexões sobre o Estudo Nacional de Literacia. *Educação, Sociedade & Culturas*, n.8, p. 105-120, 1997.
- SANTOS, P. M.; SEIXAS, P. C. A antropologia na educação: abertura antropológica sem antropólogos. *Antropológicas*, n. 1, p. 113-127, 1997.
- SARTORI, G. *Homo Videns: televisão e pós-pensamento*. Lisboa: Teorema, 2000.

memória e aprendizagem
aios de antropologia social
1996.
cultura oral. Lisboa: Fim
e porque te amo. Porto:
gia da educação. Lisboa:
uesas. Guarda: Associação
t. Lisboa: Instituto Piaget,
Dom Quixote, 1970.
culo, 1997.
social da sexualidade em
ão em Vila Ruiva. Lisboa:
maturgia e aprendizagem
al: ICE, 1996. p. 109-128.
a aprendizagem do cálculo
perspectivas teóricas para
lturas, n.3, p. 37-55, 1995.
is e práticas. In: ITURRA,
7-108.
reflexões sobre o Estudo
n.8, p. 105-120, 1997.
ão: abertura antropológica
7.
Lisboa: Teorema, 2000.

- SILVA, P. Recensão à obra “Escola e aprendizagem para o trabalho num país da (semi)periferia europeia”, de Stephen R. Stoer e Helena Costa Araújo. *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 1, 1994.
- SOUTA, L. O ensino da antropologia. *Gerontologia*, v. 4, n. 14, p. 54-59, 1982.
- SOUTA, L. A educação multicultural. *Inovação*, v. 4, n. 2-3, p. 45-52, 1991.
- SOUTA, L. Educação multicultural – um imperativo dos nossos dias. *Educação & Ensino*, n. 4, p. 15-19, 1992.
- SOUTA, L. *Multiculturalidade & Educação*. Porto: Profedições, 1997a.
- SOUTA, L. Recensão à obra “O saber das crianças”, de R. Iturra (org.). *Cadernos ICE*, n. 3, 1997b.
- STOER, S. (Dir.). *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 1, 1994.
- STOER, S.; ARAÚJO, H. C. *Escola e aprendizagem para o trabalho num país da (semi)periferia europeia*. Lisboa: Escher, 1992.
- TAVARES, M. Antropologia da educação. *Antropologia Portuguesa*, v.3, p. 53-60, 1985.
- TAVARES, M. *O insucesso escolar e as minorias étnicas em Portugal: uma abordagem antropológica da educação*. Lisboa: Piaget, 1998.
- VIEIRA, R. *Entre a escola e o lar*. Lisboa: Escher, 1992.
- VIEIRA, R. Mentalidades, escola e pedagogia intercultural. *Educação, Sociedade & Culturas*, n. 4, p. 127-147, 1995.
- VIEIRA, R. Da infância à adultez: o conhecimento da diversidade e a aprendizagem da interculturalidade. In: ITURRA, R. (org.). *O saber das crianças*. Setúbal: ICE, 1996, p. 129-155.
- VIEIRA, R. Histórias de vida e etnografia na análise das representações e práticas dos professores. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, v. 38, 1998.
- VIEIRA, R. *Histórias de vida e identidades: professores e interculturalidade*. Porto: Afrontamento, 1999a.
- VIEIRA, R. *Ser igual, ser diferente: encruzilhadas da identidade*. Porto: Afrontamento, 1999b.
- VIEIRA, R. *Identidades pessoais: interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*. Lisboa: Colibri, 2009.
- VIEIRA, R. *Educação e diversidade cultural: notas de antropologia da educação*. Porto: Afrontamento, 2011.